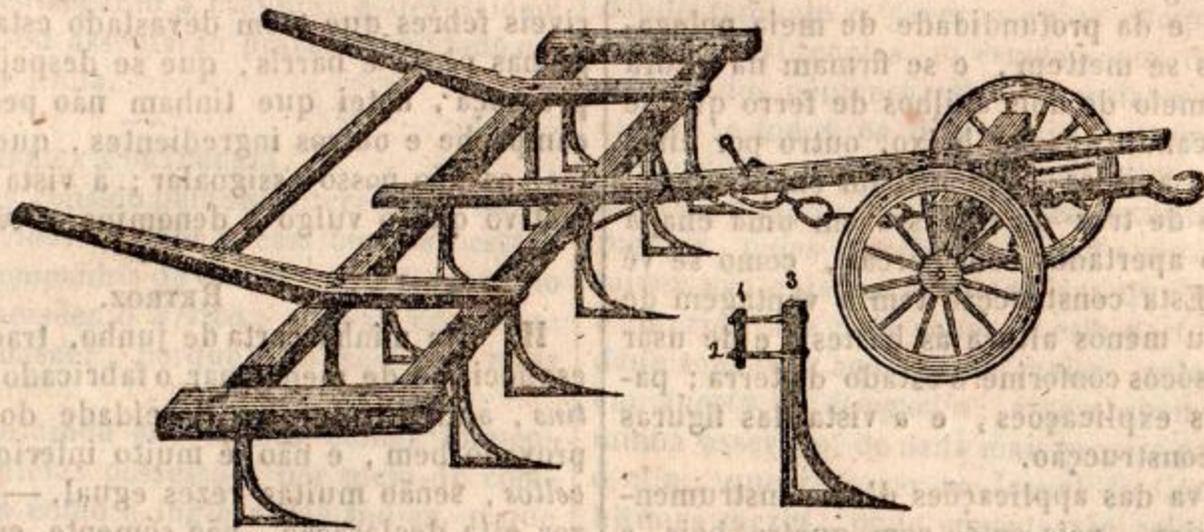


CONHECIMENTOS UTEIS.



PRESENTE AOS LAVRADORES.

2776 É PARA mim uma verdade incontestavel, que o desinvolvimento da nossa agricultura é a verdadeira, e quasi unica fonte, que nas circunstancias de Portugal póde levar-nos a um estado normal, pois as outras fontes de riqueza, industria, e commercio só por esta podem ser alimentadas; segue-se portanto, que com a maior instancia devemos procurar os meios de o conseguir; estes meios são de duas especies uns dependentes do governo e camaras legislativas, e outros dos proprietarios, e lavradores. Não tracto agora dos primeiros, sendo entretanto os unicos, que podem produzir resultados nacionaes: tracto só dos segundos, para d'entre elles desinvolver a pequena parte, que motivou este artigo, que me foi pedido pelo. redactor da *Revista Universal*.

São os meios dependentes dos lavradores, escolher bons cursos de cultura alternada, que sem deixar a terra infructifera, a descancem, limpem, e façam que ella produza alimento para manter o gado necessario para a conservar em fertilidade, sendo este de qualidade, que pelos seus productos pague o seu sustento; introduzir meliores instrumentos para fazer com perfeição e economia os diversos trabalhos, para d'este modo obter productos abundantes e baratos, pois só então elles serão uma verdadeira riqueza, por isso que o seu consumo é certo tanto interna como externamente. Em consequencia d'estes principios tenho combinado uma colleccção de instrumentos, adaptados ás nossas circumstancias, a qual offerece considerabilissimas vantagens: entre elles figura o *cultivador*, o qual sendo por mim o anno passado introduzido, foi logo adoptado por alguns amigos meus, distinctos lavradores da Azambuja, e d'alli se propagou de um modo para mim muito satisfatorio, fazendo-se n'esse mesmo anno talvez cem, e hoje talvez haja duzentos; consta-me porém que alguns lavradores, que os mandaram fazer, ou por algum defeito de construcção, ou por não o terem empregado nas circumstancias e da maneira porque o deve ser, encontraram difficuldades; e como desejo que esta introduccção, que tive o gosto de fazer, seja effectivamente um valioso presente aos nossos lavradores passo a fazer as indicações, que reputo necessarias, para esse fim.

Foi o *cultivador* inventado para com facilidade destruir as más hervas matando as annuaes, e chamando as raizes das perennes á superficie e facilitar serem estas ti-

radas pelas grades, ou encinhos; para mobilisar, e dividir a terra, em que se acha a semente, e distribuir esta com egualdade, sem para isso destruir os effeitos do anterior alqueive, por isso que deixa em descanso a terra, que para esse fim a charrua voltou; é portanto a sua applicação no outono nas terras, que estiveram de milho, ou plantas sachadas, e nos alqueives do verão, nos serodios nos que foram alqueivados durante o inverno, e nunca em lavar terra de novo, nem mais fundo de quatro a cinco polegadas. A construcção do que apresentei é para nove sócos de palmo de largo cada um, haste fóra da grade um palmo, colocados na grade desencontrados; quatro na travessa de diante, e cinco na de traz, mettidos em furos, e cavilhados por cima, sendo a distancia de uns a outros de palmo e meio; o timão da grade para diante com sensivel inclinação, e diversos furos para por elles se regular a profundidade da lavoira, chegando-o mais ou menos, aos rodeiros, porque é puchado: usado d'este modo serve o meu desde o anno passado sem inconveniente, e com mui pouco trabalho do lavrador; as razões dos inconvenientes, que alguns encontraram, foram, altear as hastes, sem ao mesmo tempo altear a croca, o que fez ficar o instrumento sem regulador, e por isso penetrando excessivamente na terra, sendo portanto o lavrador obrigado a leval-o suspenso nos braços com grande incommodo, e ao mais pequeno descuido d'este fazendo um esforço, para que não foi calculado, facil foi quebrarem algumas das hastes; a maneira de emendar os já existentes, é altear as crocas, tanto quanto se altearam as hastes, e dar inclinação aos timões, para que possam regular a profundidade da lavoira, entre tres e cinco polegadas, que é a sufficiente para os serviços a que deve ser applicado. Como tenho feito alguns aperfeiçoamentos na construcção dos sócos, e modo de os ligar á grade, que me parecem vantajosos vou disel-os, e melhor se perceberão pela estampa juncta. A estampa representa o instrumento armado, a figura n.º 3 representa um dos sócos separados, cuja haste tem polegada e meia de largo, dois terços de polegada de grosso, e dois palmos de alto; na parte inferior, na altura pouco mais ou menos de tres quartos, é aberta ao meio; a perna de diante é calçada de aço e cortante; são cravadas no sóco; a de traz perpendicularmente, a de diante faz uma curva em fórmula de sega, e crava adiante na distancia de meio palmo da outra, como se vê na figura. Estes

sócos assim combinados não são mettidos na madeira, mas sim encostados ás travessas, nas quaes se fazem nos competentes logares uns entalhes da largura das costas das hastes, e da profundidade de meia polegada, em que estas se mettem, e se firmam na altura que se quer por meio de dois anilhos de ferro que se enfiam na haste ficando um por baixo, outro por cima da travessa; estes anilhos, que acabam em parafuso, enfiam pela parte de traz da travessa em uma chapa sobre a qual são apertados com porcas, como se vê na figura n.º 2. Esta construcção tem a vantagem de poder dar mais ou menos altura ás hastes, e de usar de septe ou nove sócos conforme o estado da terra; parece-me que estas explicações, e a vista das figuras tornarão facil a construcção.

A mais lucrativa das applicações d'este instrumento, é na sementeira, pois então com quatro bois e dois homens, e muito mais perfeição, faz-se o mesmo que pelo methodo ordinario levaria vinte bois e dez homens, poupando além d'isso um quinto a um terço da semente, conforme o estado da terra, ficando esta muito mais bem repartida, e acondicionada; advirto que antes de semear, a terra deve ser gradada para desfazer os torrões, e tapar as gretas das leivas; para isto tem a mais vantajosa applicação o *estorroador* tambem por mim combinado; semeia-se depois, e então lavra o *cultivador*, depois do qual basta uma ou duas passagens de grade. Na serralharia de João da Costa, travessa da Victoria, se tem construido as ferragens de que se tracta.

Lisboa 1 de março de 1844. — *Manuel Maria Holbeche Granate de Oliveira da Cunha e Silva.*

AVISOS MEMORAVEIS AOS LAVRADORES, FABRICANTES, NEGOCIANTES, E A TODOS QUANTOS, DIRECTA OU INDIRECTAMENTE, GOVERNAM OU PODEM INFLUIR NO REINO DE PORTUGAL.

(Carta.)

2777 EM PRIMEIRO lugar cumpre-me agradecer a V. o benevolo e honroso acolhimento, e a singular distincção, que se dignou fazer á minha carta de 5 de junho do corrente anno, impressa na *Revista* n.º 4 de 14 de setembro.

A bondade e o patriotismo de que V. é dotado, me animam a dirigir-lhe algumas mal concertadas phrases ácerca de varios objectos de que fui tomando apontamentos, e que me persuado serem de algum interesse á terra em que nasci.

VINHOS.

I. Os vinhos do *Porto*, aqui importados pela barca *Oliveira Feliz*, e outros navios em principios d'agosto, foram, em geral, tão ordinarios, que se chegaram a vender a 80\$000 réis a pipa: preço porque na mesma occasião se venderam alguns da *Catalunha* dos mais ordinarios. Taes vinhos pareciam verdadeira surrapa: —ninguem os queria por preço algum; ao mesmo tempo que os bem confeçoados, e os encorpados sem confeição, conservaram os preços anteriores. Vinhos de similhante qualidade é melhor reduzir-os a aguardente, que mandal-os para aqui virem desacreditar-se, e não deixarem ao especulador nem o custo das vasilhas.

De *Lisboa* tambem vieram vinhos confeçoados, de

fórma que mais pareciam tintada de escrever, que vinhos. Algumas correspondencias appareceram nos jornaes contra elles, attribuindo-lhes uma parte das terribes febres que teem devastado esta capital. Em algumas pipas e barrís, que se despejaram, em minha presença, notei que tinham não pequena porção de campeche e outros ingredientes, que, por decompostos, os não posso assignalar; á vista d'isto não é sem motivo que o vulgo o denomina — *vinho tinta*. —

RETROZ.

II. Na minha carta de junho, tractando de retroz, esqueci-me de mencionar o fabricado por *Manuel Martins*, antigo tintureiro da cidade do *Porto*, que tem provado bem, e não é muito inferior ao de *Vasconcellos*, senão muitas vezes igual. — Julguei dever fazer esta declaração, não sómente em abôno da verdade, mas por dizer respeito a pessoa, que, se a minha memoria me não engana, supponho ter ouvido dizer em outro tempo, que servira muito bem ao seu paiz na qualidade de soldado da *Leal Legião Lusitana*.

TABACO.

III. O contracto-do-tabaco continuou a remetter pessimo rapé, de que lhe tem resultado descredito e diminuição no consumo; accrescendo, que além do rapé não ser bom, ainda aqui se deixa chegar a peor estado antes de ser posto á venda, pela rasão do correspondente não tirar da alfandega uma remessa sem ter vendido as anteriores, e a consequencia é, que quem não quer ou não póde tomar rapé, além de inferior sêcco, vae-se acostumando ao da terra. Eu intendo que o contracto lueraria mais, em mandar sempre bom rapé, e recolher o sêcco.

PANNOS E SEDAS.

IV. Alguem d'essa côrte mandou a *Seixas*, panno preto superior para vender. Seria de utilidade, que tambem mandassem pannos pretos e de côres, adquados ao clima, e que aqui se possam vender de 4\$000 réis para cima (não grande porção) assim como sedas lavradas para coletes, e remettido a pessoas que as façam aqui vender nas lojas de retalho; porque em escriptorios, sómente as pessoas conhecidas do correspondente é que sabem d'essas remessas, quando muitas pessoas ha que farão uso d'elle conforme o preço, e as suas circumstancias.

CHAPÉUS DE SOL.

V. Tenho notado que no *Porto* e n'essa cidade vão aperfeiçoando os chapéus de sol; e se conseguirem fazer os remates das varas, e as mãos menos volumosos, e envernizados de preto ou outra qualquer côr escura appropriada á da seda, terão maior extracção; porém os cobertos de seda encarnada podem continuar a vir da mesma fórma que até aqui, pois ainda ha muitos individuos do tempo do rei velho que não querem de outros.

EMIGRAÇÃO.

VI. Ainda voltarei ao assumpto da emigração. A barca *Feliz Ventura*, entrada n'este porto no principio do corrente mez, importou cerca de 250 passageiros: — 230 com passaportes — e entre elles algumas mulheres, parte das quaes nos fazem córar de vergonha pe-

lo genero de vida, que logo abraçaram, se é que já ahí o não tinham. Os homens acham-se por arrumar quasi todos os que não tinham officio, e brevemente muitos d'elles se entregarão á crapula, á devassidão, e a outros vicios, ou assentarão praça de soldado nos cörpos de primeira linha.

AFRICA PORTUGUEZA.

VII. Ha tempos constou pela sua interessante *Revista*, e por outros periodicos, que n'essa cörte se estava organisando uma Companhia de Commercio e Navegação para as nossas possessões d'*Africa*, a qual creio que worreu antes de nascer, porque não se fallou mais n'ella.

Persuado-me que ainda poderíamos colher immensas vantagens das dictas possessões por meio de companhias organisadas como a ingleza das Indias, e que fossem obrigadas a dentro de um determinado espaço de tempo — cultivar, plantar, colher, e exportar algodão, café, assucar, cêra, e outros generos, marcando-se-lhe até as porções de terreno e quantidades de generos, por exemplo, cem mil pés de café no 1.º anno — 200\$000 no 2.º — 400\$000 no 3.º — 800\$000 no 4.º, e assim progressivamente por uns tantos annos; a empregar annualmente um certo numero de braços etc., etc., pagando para os cofres do estado um imposto moderado sobre os artigos que exportar, — se isso se julgasse necessario e conveniente: — e os navios empregados pelas companhias deviam necessariamente serem construidos em *Portugal* e suas possessões; assim como a não consumir productos e manufacturas que não fossem portuguezes. Emquanto as companhias, ou qualquer negociante ou capitalista estiverem sujeitos aos caprichos e vontades dos governadores das possessões, commandantes de presidios etc., etc., é em vão tentar coisa alguma para alli. Poderia assim dar-se comêço a uma importante tróca de productos entre a metropole e as colonias, que com perseverança, animo e vontade firme tornar-se-hia no futuro mui lucrativo e avultado commercio.

Até certa epocha parecia que a unica producção de nossas colonias eram escravos, e por consequencia o territorio totalmente esteril; por semelhante motivo todo o commercio se limitava a algumas fazendas chamadas de lei, a aguardente, missangas e poucos mais artigos, cujo producto era geralmente empregado em pretos, e mui diminutas porções de cêra, marfim etc.: felizmente hoje mui poucos ignorarão a fertilidade e riquezas das nossas possessões. O littoral de *Angola* e *Benquella* tem fama de doentio, porém as pessoas que lá vão negociar, disem que o interior é sadio, e que as febres a que chamam *carneiradas*, unica molestia que na costa causa maiores estragos, provém da forte cacimba a que os individuos se expõem, principalmente de noite; das indigestões, da copula após a comida, e dos pântanos e aguas estagnadas nas circumvisiuhanças das povoações. Conheço muitos individuos que alli vão amiudadas vezes, e confessam nunca terem tido uma dôr de cabeça, e que passam lá melhor que no *Rio-de-Janeiro*, e os que vem doentes são os proprios a confessar, que as suas molestias são originadas por facilidades e extravagancias mui perigosas em tal clima. Ora á vista do que estes disem é evidente, que em grande parte se podem remediar semelhantes males, que alguem, não sei

porque rasão ou motivo, tem exagerado, evitando as humidades, os raios do sol na sua maior força, e tudo aquillo de que o proprio individuo é causador; dando tambem o governo ou as companhias indispensaveis providencias ao esgotamento das aguas, e ao attërro dos pântanos. Bem doentia e mortifera é esta cidade e todos os dias aqui aportam centenares de pessoas com o fito de faserem fortuna; passados dois mezes, quando muito, já tem substituidas as côres rosadas, pelas macilentas, e no cabo de quatro annos talvez não existam a metade dos que não seguem para o interior. Ha dois annos a esta parte que a mortandade tem sido aqui muito maior, relativamente, que em *Angola* ou *Benquella*; e se alguem duvidar d'esta minha asserção, de nada mais precisa para convencer-se d'ella, que recorrer ao *Jornal do Commercio* d'estes ultimos mezes, onde encontrarão relações diarias dos obitos, por freguezias; advertindo que, de proposito, se ommittem muitos, porque são menos conhecidos, ou por esquecimento; pois sei de pessoas fallecidas que nunca seus nomes se inscreveram na dicta folha, nem dos que fallecem nos hospitaes, e nos quarteis da tropa. Tem havido grande numero de mortes repentinas; familias inteiras atacadas, sem terem um parente ou amigo que se anime a chegar-se a ellas; sómente o triste escravo que os serve, e o medico que os tracta, são os humanos viventes com quem se communicam, e muitas pessoas teem succumbido por não terem quem lhes ministre os remedios na molestia, que a muitos nem tempo lhes dá de recolherem-se aos hospitaes. Finalmente a respeito do commercio com as nossas colonias direi, que grandes vantagens poderemos colher, e as principaes são — impulso á marinha; augmento de industria; certeza de consumo de nossos productos; reproducção de capitaes pela creação de consumidores proprios; ficando-nos por esta fórma em casa os direitos, interesses, alcavalas, etc., que pagamos aos estranhos, que nos recebem nossos productos em troca dos seus. Sou de opinião que os inglezes dando a liberdade aos pretos da *Jamaica* não tiveram em vista outro fim, que crear melhores consumidores n'aquelles que, escravos, apenas consumiriam annualmente um par de calças e duas camizas de grosseiro algodão, e livres, senhores de seus salarios que-rerão, e é isso muito natural, andar mais bem vestidos, e de melhores fazendas, calçados, etc.; e o mesmo, por outros meios, praticam os taes senhores a respeito das mais colonias que possuem; impondo grandes direitos aos generos coloniaes de outras nações; animando d'est'arte os seus a produzirem a fim de lhes poderem consumir suas manufacturas, e ficarem os interesses d'esta permutação em suas proprias mãos; e ao mesmo tempo com sua industria, machiavelismo, tractados e força impoem ás outras nações a obrigação de tambem trabalharem para elles, consumindo-lhes os seus artefactos de algodão, linho, lã, seda e ferro, etc., embora as conservem no estado de pobreza, porque isso mesmo lhes convem a seus fins.

TRACTADOS DE PORTUGAL COM A INGLATERRA.

VIII. Já que toquei nos nossos bons aliados e protectores, direi poucas palavras ácerca do tractado que, segundo os periodicos d'essa, está a concluir-se entre a Inglaterra e a minha malfadada patria, o qual

se chegar a effectuar-se ou concluir-se, grandes e terriveis males agoiro ao meu paiz, quando por outros motivos não fosse, sómente por uma triste recordação do passado. O tractado de *Metthwen* arruioenou a nossa industria admittindo-lhes os seus tecidos d'algodão e lã sem restricções: o de 1810, matou o nosso commercio, porque tivemos um governo tão paternal e protector, que lhes abriu os portos do *Brazil*, unico alimento do nosso já diminuto e enfraquecido commercio, pagando elles 15 por cento, e nós 16 (!!!) além de um tanto por volume (não me recordo agora a que titulo) e chegou a tal ponto o desespero e a indignação, que houve negociantes que incendiaram os seus navios, e outros os desmancharam e venderam como lenha (!!!!). Este tractado, que agora está a concluir-se, deve pela ordem dos anteriores, e uma vez que já não temos nem industria nem commercio, arrancar-nos as colonias, e para isso lá estão os artigos que lhes concedem o estabelecer-se n'ellas.

DESLEIXO DO COMMERCIO PORTUGUEZ.

IX. Na minha carta de 5 de junho, disse, que nunca sabiamos aproveitar, nem promover a saída aos nossos productos, e que só d'isso nos lembravamos depois que outros nos tomavam a dianteira; agora o comprovo com o facto seguinte. — Em 1842, uma barca franceza (creio que denominada *Fanny*) saiu de um dos portos do Mediterraneo, com uma carregação de vinhos, licores e outras bebidas espirituosas, fructas seceas, conservas, quinquilharias, miudezas, etc., etc., na importancia de 36:000 francos, e foi negociar á *Costa d'Africa* pelo littoral de nossas possessões, aonde apurou cêrca de quarenta contos de réis de nossa moeda alli. Como fizesse bom negocio, tentou segunda especulação que entrou pelo corrente anno, e com pouco maior emprego apurou cincoenta contos pouco mais ou menos; lá foi de volta em abril, e é mui natural que já esteja dispondo de terceira negociação. Só nós é que não temos nem ânimo nem geito para coisa alguma d'esta natureza. Aquelle navio expôz-se a perder tudo, porque quasi todo o negocio que fez foi por contrabando, e nós tendo proporções de o fazer licitamente com as mesmas vantagens nem d'isso curamos; quando posso asseverar que todos os artigos, ou pelo menos a maior parte dos *artigos*, que compunham a negociação da barca franceza, podiam ser ministrados pelo nosso misero Portugal; pois quem d'isto me informou é portuguez, e tem viajado muito a aquelles logares, a *Lisboa* e *Porto*, á *França*, á *Inglaterra* com negociações suas.

Quasi todas as pessoas que d'aqui teem ido negociar em escravos ás nossas colonias são concordes em que formando-se estabelecimentos no interior, attraindo a elles os pretos pelo bom tractamento e agasalho, empregando-os em serviços regulares, e por meio d'elles promovendo a troca dos nossos pelos seus productos, se começaria uma nova e brilhante época para o nosso commercio e industria, e a permutação toda feita por navios portuguezes.

Evitem-se as indigestões, a cacimba, os raios do sol na sua maior força, e o desregramento em outras coisas como muitos teem feito, que alli se póde viver da mesma maneira, que nas provincias do Brasil que estão dentro da zona torrida. Porém toda as coisas no principio apresentam immensas difficuldades, e

esta é uma d'aquellas que requer quatro coisas essenciaes — que são — capitaes — vontade — methodo — e perseverança.

CONSULADO GERAL PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO.

X. Seja-me permittido diser algumas palavras sobre um objecto bastante grave, e a respeito do qual se necessita de mui promptas e efficazes providencias, pelas funestas consequencias que póde acarretar ao nosso commercio aqui estabelecido: é ácerca do consulado geral de Portugal n'esta côrte que vou fallar.

Quando fallece algum portuguez *ab intestato* o consulado procede logo á arrecadação do seu espolio, e reclamando os credores dos fallecidos o pagamento do que estes lhes ficam devendo, responde-se-lhes que tudo foi, ou vae ser remettido para esse reino, e que vão ou mandem lá cobrar. Ora praticando os consules das outras nações o contrario do que o nosso pratica a similhante respeito, porque logo que morre qualquer subdito d'ellas, convocam os credores pelos jornaes a apresentarem-se com as suas contas legalizadas, para serem d'ellas embolsados ou do que em rateio lhes tocar; tem dado este procedimento motivos a sérios clamores e procedimentos judiciaes, fazendo, com apoio das auctoridades do paiz, recolher os espolios ao deposito, e entregar depois os saldos ao consulado; mas nem isto se faz effectivo a todos. Procedimentos taes não sómente nos desacreditam como nação, mas são tambem causa de se enxovalhar mui seriamente o credito dos empregados do consulado, dissendo-se que fazem reverter em proveito seu as arrecadações; que as familias dos fallecidos não chegam a receber ahi coisa alguma; e isto de voz do povo quando lhe dá para accusar alguém de malversações, é terrivel; até o pobre velho coberto de cãs, e sobre-carregado de familia, que se acha á testa do consulado, e a quem julgo pessoa muito capaz, muito honrada, bem que pouco instruida, e de idéas um pouco acanhadas, esse mesmo não tem sido poupado; ultimamente o accusam de distrair dinheiros do consulado em beneficio de seus parentes.

Este estado de coisas não póde, nem deve, continuar por mais tempo; porque por um lado desconceitua empregados, que aliás julgo muito probos; por outro póde tornar-se em grave prejuizo do nosso commercio n'esta parte do mundo; e tempo virá em que ninguem queira ter negocios de alguma demora com portuguezes solteiros, na desconfiança de perderem as suas dividas se estes fallecerem antes de serem embolsados.

Ha poucos dias, uma pessoa, que tem relações no paço, me disse que o governo d'este imperio ía dar o *exequatur* a João Baptista Moreira, o que supponho desagradar geralmente á classe portugueza aqui estabelecida e domiciliada, entre a qual não gosa de muito conceito, para o que não sei se ha ou não justos motivos; pois não o conheço senão de vista; nunca com elle tive negocios, e menos com o consulado: fallo unicamente á vista da opinião publica que se tem pronunciado contra elle, e com mais acrimonia depois da sua recente quebra e de factos que não necessitam de commentarios. Elle pertence a duas sociedades portuguezas, que existem n'esta côrte; uma o *Gabinete Portuguez de Leitura*, e outra a sociedade de *Beneficencia*, ambas numerosas, e, segundo me di-

sem; elle tem tido muitos desejos de fazer parte de suas administrações; mas desde 1838 até hoje o maior numero de votos, que tem obtido em qualquer d'ellas, não excede a 12, quando outras pessoas de menos nomeada tem tido mais de 300, e está hoje servindo na de *Beneficencia*, como 3.º ou 4.º supplente com 7 votos, quasi todos dados pelos empregados do consulado, e filhos do vice-consul, segundo m'õ affirma pessoa que deve saber d'isso.

Desculpe V. a minha divagação sobre este empregado, a qual fiz unicamente para se fazer idéa da indisposição que ha contra elle da parte da maioria dos portuguezes, aqui residentes, que talvez seja mal fundada e injusta; mas ruim é, que a empregados d'esta natureza se façam graves arguições, porque lhes tiram a força moral e a confiança, tão precisas para bem desempenharem as funcções inherentes a taes cargos. Tambem não é sem algum fundamento que eu faço estas observações. Os consules podem considerar-se verdadeiros agentes commerciaes; e se o commercio viver em desharmonia com elles, nem os seus interesses e causas são bem advogados, nem elles podem bem desempenhar as funcções respectivas, e transmittir a seus governos os dados e esclarecimentos precisos para o bom desinvolvimento e augmento de consumo dos productos dos paizes que representam.

E' opinião minha, e talvez de muita gente, que as grandes vantagens que no commercio e industria tem obtido os inglezes sobre os outros povos, são na sua maioria devidas á unidade, boa intelligencia e harmonia de seus negociantes, os quaes de accordo com seus consules e representantes diplomaticos, são directa ou indirectamente os melhores agentes, que o seu governo pôde ter nos paizes estrangeiros, por lhe poderem ministrar com mais exactidão os esclarecimentos precisos sobre a maior ou menor quantidade de certos e determinados productos, que se devem levar a este ou áquelle mercado, e maneira mais conveniente porque alli podem ser vendidos ou admittidos. Façam os nossos consules e representantes diplomaticos com que os nossos concidadãos domiciliados n'este e n'outros paizes converjam todos para o mesmo fim, de fazerem prosperar o nosso commercio, artes e industria, e veremos senão colheremos d'isto mais e melhor fructo, que do systema de indifferentismo, que se observa e tem observado até agora; dando até logar a que algumas desavenças, que acontecem entre portuguezes, e que podiam sanar-se por intermedio dos consules, sejam levadas perante os tribunaes do paiz para maior vergonha e opprobrio nosso.

ESPECULAÇÕES PARA FAZERMOS COM A AMERICA.

XI. O tractado d'este paiz com a *Inglaterra* deve acabar de facto em novembro de 1844, e o nosso governo está demorando-se bastante em mandar para aqui um habil encarregado de negocios ou ministro plenipotenciario, que aproveite a occasião em que os inglezes forcejam por concluir outro, a fim de conseguir algum favor para os nossos productos, ou que pelo menos não sejam mais aggravados com impostos, mui principalmente os vinhos que já não pagam pouco sobre elevadas ayalições. Melhor occasião não se lhe pôde proporcionar; a época das eleições de deputados á assembléa geral está proxima; em maio de

1844, o mais tardar, devem principiar as grandes manobras, e o commercio faz grande pêso na balança eleitoral. Quem for habil, intelligente, e traquejado na diplomacia pôde tirar proveito n'estas occasiões, etc., etc.

No *Rio-da-Prata* tambem se agitam actualmente questões de grande interesse para as nações manufactureiras e productoras. A *França* e a *Inglaterra* tem dado tractos á sua intelligencia; tem empregado e lançado mão de todos os meios de tirarem partido vantajoso para o seu commercio e sua industria, da lucta terrivel eutre *Rosas* e *Fruto*, *Federaes* e *Unitarios*, lançando-se hoje nos braços de um dos contendores, amanhã nos do outro, indecisos hoje, resolutos amanhã, vacilantes outra vez; ora protestando amizade, ora ameaçando, tudo para se illudirem reciprocamente, e colher um d'elles sómente os fructos de tanto trabalho, tanta trapaça e tanto ardil; mas eu estou convencido de que as duas dictas nações, pelos papeis que alli tem representado, se tem indisposto para muito tempo, não só com o actual governo de *Buenos-Ayres*, como com as populações, e os partidos que se guerream; por isso não seria para admirar que se alli tivessemos nm habil diplomata, podessemos no ajustar das contas obter alguns favores para os nossos productos, principalmente vinhos. Algumas pessoas pensam, que esta guerra destruidora terminará breve, porém eu julgo que ella ha-de continuar por muito tempo, porque a posição do exercito de *Rosas*, em *Montevideo*, é mui precaria, e persuado-me que *Fruto* ainda expulsará d'esta vez o seu rival do territorio de *Montevideo*, e que a guerra continuará nos campos de *Entre-rios*, *Corrientes*, *Buenos-Ayres*, e *Sancta-fé*, salvo se as duas potencias (*França* e *Inglaterra*) intervierem de mão armada a favor de qualquer dos contendores, o que tambem não deixará de vir a acontecer, se se verificar o que se diz a respeito da missão da corveta franceza *Coquette*, aqui entrada ha dias vinda de *França*, e salda immediatamente para o *Rio-da-Prata* com uma carta de prego do governo francez para o commandante das forças navaes alli estacionadas; pois se falla em que o dicto governo não reconhece o bloqueio de *Montevideo* pelas forças de *Rosas*. Ora sendo isto exacto, e combinando-se com o que diz a correspondencia de *Paris*, publicada no *Jornal-do-Commercio* d'esta, de 28 do corrente, sobre armamentos de brigues e vapores da parte de *Inglaterra* e *França*, por combinação das duas nações, parece algum tanto provavel a intervenção armada. Comtudo, quer assim seja, quer não, como os *federaes* e *unitarios* se queixam amargamente da falta de lealdade de qualquer das duas nações, porque os tem comprometido com suas protecções e abandonos, estou persuadido de que mais facilmente que aquellas qualquer outra nação, que se não ache mal vista d'aquelles povos, poderá obter alguns beneficios para o seu commercio e industria.

DESPRÊSO DA INDUSTRIA NACIONAL.

XII. Tinha chegado a este ponto, quando encontrei com a correspondencia de *Lisboa* no *Jornal-do-Commercio* de hontem, na qual se diz, que o nosso governo mandára um fuão a *Inglaterra* comprar a artilheria para a nau *Vasco da Gama*. . . . Pois já não existe a fundição de *Lisboa*, em que se fundiu a estatua que

tre? Já ahí não haverá quem saiba fundir peças de artilheria?! Oh! desgraçado Portugal, que até peças que podias fundir, e com cujo trabalho podias alimentar alguns artifices, vais comprar aos inglezes!!!

Basta, Sr. Redactor, desculpe este desabafo: e se n'estas mal traçadas linhas vislumbrar alguma coisa que merece a pena publicar-se, fazendo-o, muito obrigará ao

Seu assignante e constante leitor.

Rio-de-Janeiro 30 de novembro de 1843.

ALIENADOS.

2778 No jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa de janeiro do corrente anno, se começou a publicação de uma memoria pelo nosso amigo o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, acerca do tractamento dos alienados, a qual, pela importancia do assumpto, pelo acertado da conjunctura em que apparece, visto acharem-se ao presente voltadas para este ponto as atenções dos nossos medicos e dos administradores do hospital de S. José, e emfim pelos grandes conhecimentos e sagaz ingenho do auctor, tem de ser bem acceita pelo publico e produzirá provavelmente algum proficuo resultado.

VARIÉDADES.

COMMEMORAÇÕES.

CORTES EM LISBOA ELEGEM A N. S. DA CONCEIÇÃO POR PADROEIRA DO REINO DE PORTUGAL.

25 DE MARÇO DE 1646.

2779 OS TRES ESTADOS reunidos em côrtes n'este dia, pedem ao Sr. rei D. João IV, que elle, seus successores e todos seus vassallos, jurem defender o mysterio da immaculada Conceição da Virgem Mãe de Deus — « com pena de desnaturalisação e exterminio contra todos os que tivessem a sentença por me nos pia: » elegendo a Nossa Senhora d'esta invocação por padroeira e defensora da monarchia portugueza, que lhe ficaria pagando o tributo annual de cincoenta cruzados em oiro, applicados para a egreja de Villa Viçosa. Elrei e os tres Estados assim o juram, e successivamente a universidade, bispados, collegiadas, ordens e congregações do reino. D'este juramento ordenou o mesmo soberano ao nosso doctissimo escriptor Antonio de Sousa de Macedo, fizesse uma inscripção em latim, para mandar abrir em pedra e assentar sobre as portas da cidade.

Se porventura não foi posta em todas, pelo menos ha memoria de que a tinham em Lisboa as portas do Sol; dos Cobertos; do Mar; d'Alfama; da Cruz; de Sancto André; de Sancto Antão; e da Mouraria. — N'esta, e não nos lembra em qual mais, ainda se vêem estes padrões mui recamados de mão de cal.

No anniversario da instituição da ordem militar da Conceição que foi muito depois d'este juramento, diremos o que sobre o assumpto não podemos agora estender.

A. da Silva Tullio.

O GOVERNO NAS MÃOS DO VILLÃO.

MEMORIA DO SEculo PASSADO.

V.

ROLAND, *se levant avec horreur*

Où suis-je? juste ciel! où suis-je? malheureux!

Angélique est partie!

THERSANDRE.

Ne l'abandonons pas dans un chagrin si noir.

QUINAULT. ROLAND, ACTE IV.

A LITEIRA E O SEU CORTEJO.

2780 N'UMA rude e mal unida tarimba, recamada de junco secco e de algumas roupas de boré esfarrapado, em que *tobarão das mugens* usava de repousar dos seus porfiosos affãos do dia, em que elle adormecia, — mais ditoso, do que muitos *ricacos* da côrte em seus leitos plumosos e regalados, tantas vezes rodeados do cuidado e dos remorsos, — jasia estirado o desgraçado amante de D. Helena, que principiava a dar, a pouco e pouco, umas ligeiras mostras de vida, pois que a ferida profunda, que recebera, lhe arrancava, de espaço a espaço, uma dor pungida e vehemente, desabrochada n'uma côr roxa e sombria, que lhe revia pelo rosto desbotado, ou n'um arfar mais agitado do peito, ou n'um morder mais convulso dos labios, que estavam azulados, como os de um cadaver, já semi-corrupto.

Silvestre, o bondoso e charitativo Silvestre, assentado juncto á cabeceira do misero enfermo, estava todo repassado d'aquella angustia, que o opprimia; e ora lhe punha a mão sobre o coração, como pertendendo acalmar-lhe as ancias, que lh'o partiam; ora se curvava tanto sobre elle, que se podia diser, que procurava transmittir-lhe n'um sópro a debil e extenuada saude, que disfructava; e aproximava-se-lhe tanto da fronte, que lhe enxugava com as suas cãs prateadas o frio e aljofarado suor, que por ella lhe gotejava.

Marinha, toda susto e admiração, resava ajoelhada sobre a pedra da lareira, emquanto com as mãosinhas aticava as brazas da fogueira, para que se apromptasse prestes o *caldo d'unto*, que sérviria de conforto para o doente, e de sadio almôço para todos, e olhava, de vez em quando, para Pedro, que, em pé, de braços cruzados, os olhos cravados na tarimba, e quasi petrificado de mágoa, parecia desejar comprehender a causa de tudo aquillo, d'aquelle acontecimento, que ainda se lhe figurava impossivel.

— Pobre moeinho! — disse allina, depois de um bom intervallo, em que todos se conservaram mudos, — que coisas más de feitiçarias ou de bruxas dariam contigo esta noite, que assim te deixaram por morto, e tão chupado de sangue! — e benzeu-se com a mão toda.

— E aonde foi que o topaste, filho? —

— O Marinha, — fallou quasi ao mesmo tempo *tobarão das mugens*, como se não tivesse ouvido o que seu pae lhe perguntára — que disse elle... o *patricante*... que vinha? —

— Que vinha; assim Deus me salve; — Respondeu a pequena.

— Má raios partam o diabo... e tantas tardanças! má peste lhe dê na botica, e nas planganas, e nos emprastos... —

— Cal-te, filho, cal-te. — Atalhou Silvestre com uma voz solemne.

— Mas se isto é tarde, como a varredoura! e esse desgraçado ahí ás moscas. . . — e apontava para Fernando — Vê. . . ¿ ora vê como elle está? . . . e com o lanho — salvo seja — por curar, que só lh'o banhámos com agua fresca! e o *patricante* sem vir! . . . pois já faz dia, ha duas ou tres horas bem puxadas! . . . —

E era assim; que o sol penetrava de esguelha pela estreita e defumada fenda do telhado, e vinha doirar com o seu clarão fulgurante as negras e deseguaes paredes da cabana, e a quilha nova de um barquinho de péscia, que devia ser outro carro dos triumphos de Pedro, que rangia espreguiçando-se com a verdura da madeira, e recendendo suavemente ao aloatirão e resina de pinheiro, e que brilhava aos raios do dia, como um fio de *victorinas* preciosas.

O velho, que ainda não havia atinado com a solução d'aquelle enigma, tornou a interrogar o filho, que embebido em seus cuidares, não dera por suas perguntas.

— Mas dise-me cá, Pedro, dise-m'o claro e de uma vez, homem: aonde é que tu foste dar com este mal-empregado moço, que ahí está penando as suas culpas? —

— ¿ Aonde, pae? . . . você vae ficar, de certo, varado. — ¿ Aonde? . . . eu não lh'o devia dizer, não; que é. . . mas emfim. . . —

— ¿ Então onde foi? —

— No *regato* da Lobarria. —

— No *regato* da Lob. . . —

— ¿ Tal e qual; é como lh'o conto, pae! —

— ¿ E mesmo. . . sim, mesmo perto da casa? —

— Umás vinte braças d'agua para baixo, para esta parte. Oh! meu pae, que se visse como eu fiquei estatelado, quando senti vir aquillo tão pesado bater-me na rede. . . ; humba! ora — disse eu cá com os meus botões, — hoje sim, que dei co'o pescado em cheio, com pescado de me tirar o pé do atoleiro! e vae senão quando, começo a arrastar. . . tira que tira a bom arrastar. . . e vou a desembulhar, e vejo. . .

— mas pae, — proseguiu elle n'um tom mais grave, como se lhe houvesse assomado um pensamento repentino — este homemzinho, que ahí appareceu, é por que. . . —

— ¿ Que dises, rapaz? — replicou o velho.

— Digo. . . digo que cá me intendo. E é preciso guardar um segredo n'isto, como se foram negocios de confesso. — Bôcca tapada. — Segredo! — E ouves tu lá, Marinha, se me dises, se caes em me dizer uma só palavra, que seja. . . corto-te essa lingua em bocados. . . E você, pae, olhe lá, que. . . —

— Ai! — gritou de subito a pequena, e veio acoiatar-se entre os joelhos do velho, que amarelleceu, e abanando levemente a cabeça, proferiu com todos os necessarios ademanos de um oráculo esta sinistra sentença: . . .

— Mau agoiro para o. . . é signal de mortuorio! —

— Era um cão, que uivava ao longe.

Tobarão das mugens tambem n'aquelle instante foi assaltado por uma convulsão, como nunca sentira: mas arrancando-se immediatamente áquelle adormecimento de animosa, que podia ser fatal para o ferido, pegou n'um çapato dos que costumava calçar, quan-

do para requestar as moças nas romarias e nos domingos de agosto se ataviava com os seus fâtos mais vistosos, voltou-o, de repente, com a sóla para o ar, e proseguiu com uma voz incerta, para assocegar seu pae e Marinha, e dissipar-lhes um receio, que magro grado seu, lhe consumia e estortegava a alma: . . .

— É o podengo. . . o cachorro do nosso visinho. . . —
— É, é, *uvia*, porque lhe chega o fâro. . . — e Silvestre não teve valor para acabar. . . —

Pedro fez um novo esforço para sacudir a idéa agoi-
renta, que lhe entrara na cabeça: . . .

— Que *uvia*, porque. . . má esgana o tolha. . . *nôz-gomita* o consumma! *uvia*. . . porque estará com a rabia na pelle. — E cuspiu fóra tres vezes, para expurgar a bôcca do rasto venenoso, que tal frase podia alli deixar-lhe.

E era, por certo muito para acceitar aquelle aviso. — O ressonar sibillante da coruja, e o piar agudo do mocho sempre foram signaes terriveis para um moribundo; mas o uivar de um cão. . . isso então; sobretudo.

A pobre da familia ficou toda abysmada na sua supersticiosa crença; calaram-se, e apenas se escutava o intermitente e enfraquecido resfolegar de Fernando. Calaram-se, e mais desgraças lhes representaria a sua imaginação rude e *maravilhosa*, se uma nova *personagem*, que pelo seu garrido e extraordinario trajar merecia as honras de ser apresentada n'uma *exposição no Louvre*, não viesse cortar o fio a cogitações tão profundas e tão lóbregas, não viesse — para fallar uma lingoagem *a la moda* — lançar um traço de alegria n'aquelle painel de tristeza: . . .

— Ora, bons dias, tio Silvestre, e mais companhia da obrigação. —

— Muito alegres, só mestre *patricante* Antonio Chôco — lhe retribuiu *tobarão das mugens*, como acordado de um pesadello enorme — assente-se, e vá de estar a seu gôsto. —

O praticante cobriu-se e assentou-se.

Eu espero que os meus muito benevolos leitores me hão-de relevar, sem se enfadarem, que eu lhes faça aqui um *esboço* do affamado *mata-sanos* d'aquelle freguezia.

Antonio Chôco era natural da aldeã de *Seixas*, e filho de um lavrador abastado e de espiritos tão altos, que mal o viu com annos de poder procurar officio ou beneficio, o mandou practicar a mui respeitavel arte da *pharmacia* com o accreditadissimo Agostinho de Caminha, o boticario de mais fama e maior nomeada, que por todas aquellas partes se souheceu, desde que o mundo é mundo. O rapaz preparou-se de enxoval e mais arranjos, tomou a benção do pae, que chorava pelas barbas abaixo, que mettia dó, n'aquelle crua despedida e poz-se a caminho para casa do mestre Agostinho dos Reis. . .

Passou-se um anno. . . passou-se anno e meio. . . e por fim ao cabo de dois annos, tres mezes, e cinco dias, volta o bom de Antonio Chôco um boticario por ahí além dando mais gostos a seu pae, — que se gloriava de lhe ter adivinhado a vocação — do que o *Jan Fernandes do Palito metrico*, e merecendo os gabos de todos os seus visinhos e patricios, que lhe choviam em casa a darem-lhe os parabens do seu adiantamento, e a congratularem-se de verem na sua boa terra uma botica e um *patricante*, — que o não designavam elles de outro modo, o que não deixava de offender um

pouco os orgulhos balofos do joven *Fleurant*, com seus fumos de *Galeno*.

E digam lá que ninguém é prophéta na sua terra... — mentem pela goéla, que se regalam: e a prova d'isto existe no boticario de Seixas, cuja figura era... — pois não quero agora diser como era, senão tinham muito que rir os meus leitores.

Mas basta de folgar pelo emquanto, que temos de dar conta, — e muita exacta, — do que se passou na casa de *tobarão dos mugens*.

O praticante aproximou-se de Fernando Peixoto, encarou-o com certo desprêso, com que os *grandes* da arte e da sciencia costumam sempre de olhar para coisas de pequena monta; revestiu-se de uma estufada auctoridade hipocratica, tomou-lhe o pulso fazendo visagens e momices, e decidiu-se a examinar-lhe a facada, que levára, e a receitar-lhe um *récipe*, que se havia de temperar na sua propria botica.

— Isto não é nada — disse elle, endereçando-se para os attentos pescadores, e procurando dar á sua voz dissonante toda a gravidade, que lhe convinha, — sou até capaz de apostar a minha cabeça, — com todo o saber, que cá está dentro, — se em poucos dias o não planto na rua, são e escorreito, como um pêro. Podéra! não que se assim não fosse, que levasse o diabo os cartapacios, em que tenho matado esta vista! Banha-lhe essa ferida com agua de *violas*, Pedro, e pelo sim e pelo não, dar-lhe-has, ao recolher, um xaropesito de *ruibarbaro*, que por essa rapariga mandarás lá buscar, á tarde, e verás meu *tobarão dos mugios*, verás, como eu t'o ponho rijo e fino para navegar por toda a terra.

Ora Antonio Chôco era n'aquelle momento sublime Lusitânico a *sapiencia* no gesto, como o resplendor de S. Bento, venerado na sua capella de *tres naves e duas sacristias*, e a mais rica e enfeitada das cinco que havia na freguezia.

Era o doctor feito á pressa com o seu *ruibarbo universal* e omnipotente, como a agua morna de Gil-Braz de Santilhana, ou como os medicamentos do Argan de Moliere.

Pedro estava trasbordando de contentamento; a certeza, com que o praticante fiára a salvação do enfermo lhe fizera esquecer os seus temores e presagios. Tiron de um armario de castanheiro doze vintens, em prata, unico producto do seu pescado da vespera, e foi offerecêl-os com a melhor vontade a Antonio Chôco, que desejando provar-lhe, que tinha alma grande, como os que a tem, recusou de aceitar-lh'os, em quanto o doente não estivesse curado.

— Ah! é verdade, — proseguiu elle, como apanhando uma lembrança, que lhe fugira, — onde é que tu feste desencantar, Pedro, este pobre diabo-alma? — então?... que dizes? —

Um rubor nacarado se espargiu pelas faces de *Tobarão das mugens*, que volveu os olhos para seu pae, — tão brioso e verdadeiro — para lhe pedir perdão da primeira mentira, que dizia em sua vida.

— Foi... — e calou-se.

— Falla, homem, desenbucha... que mandinga de historia é essa? — replicou o doctor pharmaceutico entre desconfiado e impaciente.

Pedro caiu, de repente, em si; e recobrando todo o seu bom avizo e prudencia, lhe respondeu com voz firme:

— Mal haja quem lhe poz as costas n'aquelle cortar d'alma, que parece mesmo um Senhor açoitado á columna! — ah! só *patricante*, que lastima!... esse moço, que ahí está... esse môcinho... é meu primo. —

— Teu primo?! — atalhou Antonio Chôco.

— E tão direito e carnal, como... E' meu primo que vinha de *villar de Mouros* a fazer-me uma vizita e vaé senão quando dá com elle uma redada de contrabandistas gallêgos, que se não sou eu... E parou aqui o sincero pescador, porque não podia sustentar por mais tempo tão enredado embuste.

O boticario mostrou não ficar muito acreditado:

— Com que então foram contrabandistas!... pois eu pensava... —

— O que? — perguntou Pedro com muito interesse.

— Pensava... pois vocês não sabem o que vaé? eu sempre lh'o quero contar. E' uma novidade dos meus peccados! uma novidade!... pschui! ouvi já: esta noite... houve grandes desordens na casa da *Lobaria*!

— Na *Lobaria*?! — bradaram ao mesmo tempo o velho, *Tobarão* e *Marinha*, que se haviam apinhado em volta do praticante, para lhe ouvirem a sua historia tão notavel.

— Sim, sim; da *Lobaria*.? Então que querem vocês diser com seus guinchos? —

— Não duvideis, não, que é verdade, — proseguiu Antonio Chôco, — o que vos digo é certo, como as coisas que o são. — Contou-me um mestre pedreiro da freguezia, que esteve agora a curar um dêdo na minha botica. Houve lá o diabo esta noite; bulhas... arruados... e por fim, creio que andava alli volta de namórico, porque a menina... — a fidalga nova, — diz que vaé para um convento, para... Olé!... ora repara-me, *Tobarão*, olha-me para o teu ferido, como vaé mostrando que não tem pressa de morrer por agora! —

E era bem singular a alteração e mudança que se operára em Fernando Peixoto, que principiava a estrebuchar com mais violencia, a respirar mais suffocado, a entreabrir os olhos empanados, e verter da bôcca uma espuma côr de sangue.

Oh! e quão perigoso era este ensêjo para que o ignorante e desconfiado doctor de *Seixas* rasgasse o mysterioso involtorio, com que os seus charidosos hospedes o occultavam! e quem sabe se... mas eis que se sente, ao longe, um chocalhar de guisos e campainhas.

Antonio, Pedro e *Marinha* correram de um salto á porta, e viram...; Oh! que viram elles!

Uma liteira doirada e guarnecida de recortes e arabescos, como os de um retabolo do seculo dezeseis, e com as cortinas de *damasco* fechadas, é tirada por duas nêdias e possantes mulas.

Ao lado esquerdo, rebuçado n'um capote de *Miranda* cavalgava *Lonrenço Rodrigues* n'um cavallo preto e magro, que fôra o *rocicante* das batalhas e *aventuras* de *Bartholomieu da Cunha*.

Mais atraz, montado n'uma selpuda egua russa, com a sua poldrasinha, pulando-lhe ao lado, vá o reverendo e bojudo Padre Bernardo, com o seu chapéu triangular na cabeça, e com a sua caixa de tabaco na mão esquerda; e rematáva o cortêjo um bando de criados de *libré* e de *lavoi*a, bem armados e apercebi-

dos, escoltando tres asémolas carregadas, e cobertas com reposteiros de *encerado* com as armas da *Lobaria* pintadas no meio.

O praticante, todo cheio de fatuidade, e semelhante a um *astrólogo*, que vê, por fim, verificar-se o que tantos e tantos calculos lhe custára, travou do braço de *Tobarão das mugens*, e fallou-lhe:

— ¿E que te disse eu homem? ; olha lá, que eu me enganasse! ; lembras-te do que te disse, Pedro? . . . ¿vês a liteira da *Lobaria*? . . . ¿vês alli do lado o feitor? . . . pois lá vai dentro D. Helena. —

Um grito agudo e desesperado restrugiu rapidamente ás ultimas palavras do boticario; e Fernando, com os cabellos em desordem, cheio de lodo e de sangue já sêcco, delirante, e horrivel, como a *alma* no *Hamlet* do *grande trágico*, saltou do pobre leito, em que jazia, — como o leopardo nas ancias da morte, — formou duas passadas vacillantes, e balbuciando um nome ignoto e confuso, caiu de braços e sem alento.

O velho e seu filho correram a socorrê-lo nos braços, e Antonio Chôco observou-o, e proferiu este *aphorismo* de mestre:

— Grandes males, grandes cursa! —

A. Pereira da Cunha.

(Continuar-se-ha.)

GUERRA Á SOLITARIA.

(Carta.)

2781 A RESPEITO do chamado *cirurgião da solitaria*, posso tambem confirmar a facilidade e bom exito de uma das suas curas.

Ha uns poucos de annos que um homem de *Oliveira* chamado João trabalhava nos meus armazens de vinho, em Villa Nova de Gaya; mas o homem padecia muito com a tal *bichinha*, segundo elle dizia; um dia de manhã teve de vir aqui a casa ao que quer que foi, mas quando mandou o recado mandou logo dizer — «que o não demorasse, porque tinha de ir a tal rua, onde se achava o *cirurgião da solitaria*, para lh'a extrair, e como elle vinha mui raras vezes á cidade, e nem se sabia quando, não queria perder a occasião. —» Foi, e passadas poucas horas voltou, e disse que tinha deitado uma grande *solitaria*, que se achava na rua *Chã* exposta a quem a quizesse examinar. Isto se passou ha cinco ou seis annos, e o mesmo homem tem continuado sem interrupção nos seus costumados trabalhos nos meus armazens, e vive de derfeita saude.

Este *cirurgião da solitaria* não deve conservar-se com o seu segredo no obscuro retiro em que vive, pois que tantos bens tem feito á humanidade, e com tanto desinteresse; ao governo compete indemnisal-o do prejuizo que lhe póde causar a manifestação do segredo, e empregal-o dignamente, onde elle possa ser muito mais util; ou proferindo elle o conservar-se onde está, ahi mesmo dar-lhe a consideração que merece.

Porto 21 de fevereiro de 1844.

De V. etc.

Maria Miquelina Pereira Porto.

Temos a satisfação de annunciar que todas as pessoas de Lisboa, que tiverem dentro em si este voraz inimigo, são enfim chegadas a tempo de se descartarem d'elle.

Eis o que lemos n'uma carta, dirigida do Porto ao Sr. *Commendador Pereira dos Reis*, que teve a bondade de nol-a communicar: é datada de 12 de março.

Joaquim José de Oliveira (o *cirurgião da solitaria*) ahi vae não na proxima viagem do vapor, mas na seguinte. Bom será publicar-se a ida d'elle para que o homem tenha occasião de beneficiar a humanidade: aliás elle pouco se demora. Muito custou resolver-o a ir, e só a instancias do *Moreira*, seu intimo amigo, é que se decidiu.

LIVRO UTIL.

2782 A OBRA intitulada — *Collecção de receitas e segredos particulares, necessarios para o tintureiro, e para a maior parte dos artistas, manufacturas officios e outros differentes objectos*, — cujo annuncio e programma já démos, começou já a publicar-se.

A primeira caderneta, que recebemos, devendo cada seis formar um volume e constando de seis volumes a totalidade da obra, a primeira caderneta, repetimos, dá já clara mostra do muito estudo que na materia tem feito o auctor o Sr. *João Baptista Lucio*; e promette aos tintureiros, pintores, e curiosos uma instrucção muito cabal. Contém esta caderneta — *introducção*, onde o auctor prova a utilidade do seu trabalho: cap. I da *historia resumida da arte da tinturaria*. — II da *escolha do local*, e outros meios e disposições para um estabelecimento de tinturaria. III *principio corante*. IV *das diversas especies de materias corantes, caracteres que distinguem os objectos que as produzem, e estes d'onde procedem: seus dissolventes, suas analyses, suas combinações com os oxidos metalicos e seus precipitados*.

PERDIDO E ACHADO, ACHADO E PERDIDO.

2783 QUANDO no artigo 2767 copiavamos do *Diario do Governo* a noticia do *inglez perdido*, ignoravamos, que dois dias antes havia elle apparecido no sitio de *Venatica*, na margem esquerda do *Téjo*, de frente de Lisboa. Atirado para alli pelo *Téjo* e descoberto por uma creança; o cadaver, já corrupto, ainda entretanto estava reconhecivel.

No seu bolso existia algum dinheiro e o relógio, que era um dos indicios; este havia parado nas onze horas, provavelmente da noite de 19 de fevereiro ultimo, porque n'esse dia depois de ter jantado em casa do Sr. *Henrique James*, e tendo ainda sido visto pelas dez da noite na calçada da *Estrella*, já não foi dormir como costumava em casa do Sr. *Dermody*, ás *Necessidades*.

Attribue-se a sua morte a suicidio, e o seu suicidio á causa, que mais frequentemente produz tal crime, a apertos pecuniarios.

O rapaz teve de alviçaras 4\$800 réis e 43\$200 foram repartidos entre dois parentes do mesmo rapaz.

Sabe-se que na semana, em que o infeliz desapareceu, chegára de Inglaterra uma sua irmã, que havia muito o não via, e vinha desejosa de abraçal-o.

NINHO DE LADRÕES.

2784 O regedor substituto da freguezia d'*Alcabideche*, conselho de Cascaes, avisado de que na noite de 10 do corrente se haviam acoitado cinco individuos, n'umas casas velhas, proximas a um caminho que leva para o logar do *Manique*, reuniu os cabos de policia e alguns vizinhos e deu sobre o casebre, onde conseguiu prender quatro dos taes sujei-

tos que achou munido d'um punhal, d'uma pistola, e uma porção de cordeis: o quinto, que se tinha evadido, foi descoberto o preso ás duas horas da tarde: este ultimo era natural do concelho, e supõe-se que capitaneava os outros para accometterem alguma casa rica da villa: fizeram-se os competentes autos, e a justiça, a quem o negocio está entregue, nos descobrirá o mais.

THEATRO DE S. CARLOS.

PARISINA. — Musica de Donizetti. — Poesia de Romani. — Estreia da Sr.^a Albertini — O Sr. Zoboli.

2785 O TRAGICO facto succedido com um principe de Azzo, contado por Frizze na historia de Ferrara, serviu de subgeito a Byron para um dos seus mais lindos poemetos, que é avaliado, como o mais poetico d'elles. D aqui extraiu Romani os lances do seu libretto; mas apesar de dramatisados por tão habil escriptor, ficaram sempre mais bellos e patheticos no poeta inglez. Tambem o compositor não foi n'esta opera tão brilhantemente inspirado como em tantas outras que d'elle admirámos.

É pelo menos a terceira vez que vemos a — Parisina — em scena, e d'esta serviu d'estreia á Sr.^a Albertini — d'estreia para nós que nunca a ouvimos, e para ella, que se somos bem informados, foi a vez primeira que pisou o palco.

A joven neophyta-theatral parece ter vinte annos; dizem-nos ser nascida em Inglaterra, educada no Conservatorio de Florença, e depois instruida nos mysterios do canto pela celebre Ungher. A sua voz é extensa, forte, vibrante, e bonita. Podêmos augurar-lhe um brilhante futuro de triumphos scenicos, quando o estudo e a pratica se tenham enfim alçado sobre os bellos elementos, em que tão distinctamente podem assentar.

O Sr. Zoboli é um tenor, a quem além d'uma presença de certo mui pouco dramatica, se póde notar deficiencia de acção; mas para supprir estas duas qualidades, sem duvida muito apreciaveis, tem o Sr. Zoboli a mais essencial n'um cantor, a voz. Extensa, forte, clara e espontanea como elle a possui, seria a melhor voz de tenor se porventura fosse igual em toda a sua escalla. N'esta opera — Parisina — na caballeta do quarteto do 2.^o acto, nos faz ouvir um bellissimo — la — de peito, tão vibrante e aveludado, que ainda aos mais indifferentes arranca entusiasticos bravos.

Ouvimos que se ensaia uma nova opera de Donizetti — Maria Stuart — pela Sr.^a Rossi; e que para solemnizar o anniversario de S. M. se dará pela mesma insigne cantora outra opera — Os profugos de Parga — primeira composição do Sr. Frondoni, e á qual temos razão para esperar mui feliz exito.

Silva Leal.

ASSASSINIO.

(Carta.)

2786 SE a um cantinho do seu interessante jornal couber a publicação da preversidade, que succintamente lhe vou relatar, estimal-o-hei, convencido de que poderá ser d'alguma utilidade.

Luiz dos Sanctos Calvo, do lugar do Carvalho, concelho de Coimbra, e com actual residencia no Crasto, concelho de Poyares, havendo estado a beber vinho em companhia de José Joaquim Ovelha, em uma taberna na Ventosa, ás 7 horas da noite de 3 do corren-

te, foi de proposito e caso pensado esperar e este infeliz a pouca distancia, e com um pau lhe deu tão fortes pancadas na cabeça, que o deixou estirado sem sentidos, até que sua mulher ajudada por alguns bemfeitores, que assim o encontraram, o levaram em braços para casa. No dia seguinte fui eu, em companhia da competente auctoridade, proceder a exame de corpo de delicto, e então, que horror!... vi a agonisante victima com uma facada na face esquerda, que penetrava mais de uma polegada; sobre o parietal do mesmo lado uma ferida contusa, cujo comprimento excedia a cinco polegadas; e as palpebras de ambos os olhos entumecidas e lividas, egualando quasi o volume de um ovo de gallinha cada um d'elles; pela bocca, e nariz saía no acto da expiração grande quantidade de escuma sanguinolenta; toda a cára envolta em sangue; finalmente, Sr. Redactor, confesso, que na presença de tão desfigurado e medonho estado, recuei verdadeiramente horrorizado. Não pararam porém aqui minhas desagradaveis sensações, pois que, ao passo que a desgraçada consorte, já velhinha e em extremo indigente, chorava juncto ao leito de palhas de seu marido a sua perda, como a de seu unico amparo, muitos visinhos concorriam, exclamando com phrases populares, mas energicas — Quem nos déra ver aqui a cabeça d'aquelle maroto! — Passadas doze horas perdeu o ultimo resto de vida o pobre trabalhador; e o exame depois da morte mostrou a metade inferior do parietal esquerdo toda fracturada e uma porção do frontal até á orbita, de maneira que com a pinça se tirou tudo em fragmentos com a maior facilidade; e o cerebro em um desmedido estado apoplectico, maxime no sitio correspondente ás fracturas.

Em resultado, Sr. Redactor, o ferido está sepultado, e o delinquente preso em consequencia do infatigavel zelo, e louvavel actividade do administrador d'este concelho a quem não sabemos, nem poderíamos tributar os devidos encomios. Oxalá, Sr. Redactor, que com a mesma dignidade se houvesse por tudo a auctoridade judicial, porque, estando, como está, indiciado o réo pelo facto de haver dado pancadas graves na cabeça d'outro individuo, (ao pé do tal amigo é melhor ser acéphalo) deveria estar ha muito tempo em custodia, e como tal inhabilitado para fazer o que agora fez; mas elle tem passeado livremente. Não sei para que servem as leis, nem de que valem as auctoridades. Muitas, Sr. Redactor, não merecem esta increpação, fazem-nos honra, inclusivè o incorruptivel juiz de direito da Louzã, a quem compete o julgamento do réo. Fica-nos a consoladora esperanza de que este magistrado continuará a ter um proceder legal e justo.

Se todos os leitores, se horrorisarem com a leitura d'este acontecimento metade do que eu me horrorisei com presenciál-o, ficarão certamente inhabeis para imital-o; e aqui está, além d'outras, a utilidade da publicação.

Poyares 6 de março de 1844.

O seu assignante e constante leitor

A. F. L.

UM PAROCHO MESTRE.

2787 DE Mirandella recebemos uma carta mui auctorizada de bellos conceitos e observações acerca

da instrucção do clero, e da importancia do ministerio parochial, que sentimos não poder publicar, tanto pela sua extensão, como por ser ponto este em que não temos por conveniente intender sem muita circumspecção, e melhor oportunidade.

No entretanto, damos já com prazer a noticia que o nosso benemerito concidadão e assignante nos aponta na referida carta, de que o seu parcho, não parando só em doutrinar na igreja aos seus freguezes, abriu, em sua casa, escola de primeiras letras para a infancia desvalida da freguezia, sendo elle mesmo o mestre, e contando já muitos discipulos.

Que maior louvor se póde dar cá no mundo a um tão disvellado cura d'almas, do que fazer publico este grandissimo serviço que assim presta a Deus e á patria?

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DE FEVEREIRO DE 1844.

2788 Temperatura media das madrugadas 45,2 F — dicta nas horas de maior calor 56°,6 — dicta media do mez 50,7 — variação media diurna 11°,4 — maior variação diurna no 1.º do mez 22.º — maior frio a 13 do mez 35º — maior calor no 1.º do mez 63º, — menor altura do barometro a 27 do mez 747,8 millimetros — maior dicta a 24 do mez, 768,0 — media do mez 759,5 —

Ventos dominantes, contados em meios dias. — N, 15 — NO, 15 — O, 8 — SO, 8 — S, 1 — NE, 4 — E, 1 — V, 1 — B, 5. — Estado da atmospha — Dias claros 7 — claros e nuvens, 3 — cobertos — 6 — cobertos e clarões, 3 — chuva e choviscos 10 — nevoeiros 2 — geadas 2 — ventosos inclusive 2 de de tempestade 14 — de frio notavel 9 — chuva recolhida em todo o mez 86 millimetros, equivalentes a 25 e quatro quintos almudes por braça quadrada, ou vez e meia a que costuma cair em mez regular.

Quadras dominantes foram 7, pois que a 1.ª, de um dia, foi a continuação da ultima do mez antecedente: a 2.ª de quatro dias de temperatura muito aspera de 50º, barometro oscillante, ar muito secco, céu coberto e brandos chuueiros, com ventos mui rijos do N. a NO: a 3.ª de outros 4 dias com a macia temperatura de 54.º, céu coberto, ar humido, ventos variaveis do N a SO; terminando com um dia chuvoso: a 4.ª de 5 dias, com temperatura mui fria de 45º ½ geadas, ar secco, céu claro, e ventos rijos do N a NE, com o barometro oscillantes: a 5.ª de outros 5 dias com fresca temperatura de 50.º chuvas mui abundantes; um nevoeiro, ventos brandos e variaveis com o barometro elevado: a 6.ª de 6 dias com a macia temperatura de 53.º, ar medianamente humido, alguns choviscos, atmospha variavel, predominando as nuvens, barometro elevado, ventos brandos e variaveis do N. a SO: a 7.ª de 2 dias, com a tepida temperatura de 55.º, chuvas escassas, ar extremamente humido e tempestades de O, e SO, com o barometro mui baixo; a 8.ª e ultima de outros dois dias com a fresca temperatura de 49º, ar humido, barometro elevado, atmospha variavel, assim como os ventos do N a SO. — De tal andamento se segue que o mez decorreu 2º ½ mais frio do que o normal, e com a temperatura igual á do precedente janeiro; assás chuvoso e mui ventoso.

Noticias agronomicas de Mafra. Com muito prazer

referiremos em extracto o que nos communicou um nosso illustre e antigo amigo, actualmente dedicado aos trabalhos agronomicos na proximidade d'aquella villa; o qual nos participa que a prolongada seccura dos tres antecedentes mezes, tambem alli tinha retardado todos os trabalhos proprios da estação, impedindo a vegetação das pastagens, deixando assás mingoado o desinvolvimento dos cereaes temporões, e das plantas leguminosas; porém as beneficas chuvas d'este mez teem em parte remedeado os efeitos da seccura, vigorizando as cearas nascidas, fazendo brotar outras que pareciam extinctas, e habilitando por fim os lavradores a semear as terras que pareciam condemnadas á esterilidade, especialmente as que se destinavam aos milhos, pelo que os terrenos d'aquelles sitios offerecem á vista o matiz de tres diversas cores preponderantes; a saber o verde escuro dos trigos temporões e das ceavas; outro mais claro dos mesmos cereaes recém nascidos, e por fim a cor parda das terras recém lavradas e ainda não semeadas, que se destinam para os milhos, feijão, e outros legumes. Os favaes apparecem entremeados n'este tapete; porém com debil parte, ainda ressentidos da falta de humidade que padeceram, assim como os tremoços ainda mais avidos da agua. — As hortas que não são de regadio, vão agora vigorando. Nota-se que os arvoredos não padeceram com a secca, principalmente es de folhas permanente; com tudo observa-se que os fructos das lorangeiras, limas, e de varias pereiras do tarde são pequenos, e que os ultimos difficilmente poderam attingir o seu estado de completo desinvolvimento. As oliveiras apesar de viçosas estão em muitos sitios atacadas de ferrugem. As arvores silvestres de folhas temporarias nada padeceram, e já começam a vestir-se, assim como nas fructiferas, a amendoeira, pecegueiro e gingeira.

Nota-se com pezar que os pinheiros teem sido acommettidos, especialmente os novos, de uma lagarta, que tambem em outros annos de chuvas regulares tem apparecido encoberta em casulos que se assemelham a téas de aranha, sendo alguns d'aquelles vermes ainda mais grossos do que as lagartas das couves. Esta praga tem inficcionado muitos dos pinhaes de que abunda a serra entre Mafra e a Ericeira, fazendo seccar muitas d'aquellas preciosas arvores, em cuja haste principal se estabelecem aquelles vermes, que em grande parte poderiam exterminar-se a não ser a incuria dos proprietarios dos bosques.

Tambem se observa de 3 para 4 annos a esta parte, a apparição de outra especie de verme que tem prodigiosamente multiplicado ataeando exclusivamente os frondosos freixos aos quaes rõe toda a folha, fazendo seccar muitas d'estas bellas arvores.

Com a maior satisfação terminaremos esta noticia participando que aos cuidados e intelligencia decidida protecção de S. M. F. o Senhor D. Fernando, se deve o maravilhoso desinvolvimento agronomico que se admira na Real Tapada de Mafra, aonde já apparecem bellas plantações de pinheiros larix, amendoeiras, multicaules, e outras muitas arvores de utilidade: lusernas e trevos que nutrem bellas caudelarias e rebanhos de gado vacuum e lanigero, os quaes prosperam com felicidade, offerecendo o complexo d'esta grandiosa fazenda uma verdadeira quinta modelo, emvez de uma esteril charneca em que antes jazia, do que resul-

tará grande prosperidade áquella definhada povoação que abençoará os desvelos do seu Augusto Bemfeitor.

Necrologia de Lisboa e Belem.

Receberam os tres cemiterios 544 cadaveres, sendo 317 do sexo masculino, 227 do feminino, maiores 385, e menores 159. Na totalidade se compreendem 268 fallecidos nos hospitaes, e na misericordia d'esta cidade, ou quasi metade. Nota-se egualmente que ainda houve um acrescimo de 40 obitos sobre o medio normal deduzido do antecedente quinquenio, o que indica a permanencia da quadra funesta, bem que em diminuição, que reina desde outubro passado, e que n'estes 5 mezes tem arrebatado 418 individuos além dos que a inflexivel lei da mortalidade exigia no referido intervallo. — *M. M. Franzini,*

MALIGNAS INFLUIÇÕES DA QUADRA.

2789 CONTINUAM a ser frequentissimos em toda esta cidade grandes defluxos e gripes; havendo familias numerosas, cujos individuos desde o primeiro até ao ultimo, se não tem podido eximir d'este incómodo fóro. As mortes porém por similhante causa são raras; tendo-as aliás havido subitas, e outras em consequencia de vehementes pontadas.

APOSTA.

2790 Um professor de grammatica, sujeito profundissimo em conhecimentos historicos, assistindo pela primeira vez a uma representação de *Anna Bolena*, convidava os seus visinhos do banco para darem uma furiosa pateada ao actor *Casanova*, por um terrivel descuido, que havia no seu vestuario. « Que descuido? » Pois adivinhem? — Não vemos nada. — Não é minha culpa; elle lá está. — Não ha tal. — Ha tal. — O mestre propõe uma aposta: accitam-lh'a: uma moeda de oiro. A falta era a liga n'uma perna. O erudito não tinha achado em Tito Livio a instituição da Jarreteira; e o descuido de Tito Livio custou-lhe 4800 réis.

A IRMÃ DA AMA.

2791 Em certa casa estrangeira, para o bairro de Buenos-Ayres, havia a dona d'ella dado á luz um filho, que os medicos lhe não permittiram crear aos seus peitos.

Procurou-se ama a toda a pressa, e tantas appareceram (de alguma coisa ha-de haver abundancia), que a dificuldade estava no escolher: entre duas pendia já a final indecisa a preferencia: ambas saudaveis, ambas moças, ambas de primeiro leite segundo ellas disiam, e ambas, por uma singular coincidência com quasi todas as amas de Lisboa, mulheres de embarcadiços, que andavam ausentes, e mães de creanças, que morreram quasi ao nascer; havia empate: sobreveio outra, que as venceu ambas, viuva, mulher de termos e boa presença, genio amoravel, descreada, pois já passava dos trinta, mas com um seio, que os doctores approvaram plenamente, depois de o terem examinado com o devido escrupulo, e, para realce de perfeições, tão caseira que logo declarou, que não tinha na cidade amigas nem parentas a quem andar fazendo visitas, (além de sua irmã) e que, se a tomassem, não se arredaria do pé do seu menino até ao fim da criação. Entrou logo no exercicio de suas funções; e tal se houve n'ellas e em tudo, que soube carrear, e merecia-a, a mais verdadeira amizade a todas as pessoas da familia, que não cessavam de lh'a provar com palayras e presentes.

Sua irmã muito mais moça do que ella, e que a respeitava como a sua mãe, cujas vezes ella lhe supria desde que haviam ficado orphãs, não podendo soffrer as perseguições de um filho da casa, onde servia, despedira-se, e viera, toda pesarosa, procurar-lhe os seus conselhos ou antes as suas ordens. Consoinou-a ella; pregou-lhe com a auctoridade de mais velha e mais experimentada; e obteve da patrão licença para a conservar na sua companhia, até lhe descobrir commodo, o que ella consentiu com o maior gosto.

A irmã da ama não era em verdade bonita, que merecesse as honras de uma perseguição tão acirrada como a de que se queixava; nem tambem tão destituída, que se não podessem dar quatro passos por lhe agradar; pelo menos, assim pareceu a um criado antigo da casa, que immediatamente começou a cortejar-a por todos os pontos da tarifa; primeiro, com os olhos, depois com os suspiros, depois com o sorriso, depois com alentadas fatias de queijo, depois, emfim, com historias e remoques de casamento. São os cinco actos e cinco quadros de todos os dramas de cosinha, aos quaes se segue de ordinario o epilogo que vós sabeis. A ama, que desde o principio percebeu a Charibdes onde a fugida de Scylla se tinha vindo metter, requereu logo desde o segundo ou terceiro dia, que deixassem dormir no seu quarto a sua mana, por cuja honra ella havia de responder diante de Deus. Dois mezes passaram sem apparecer o procurado commodo, e sem que o novo amante podesse achar mais aso para boa fortuna que o primeiro. Ou o amor ou a vaidade ou o desejo de vingança, decidiram-n'o emfim a arriscar-se para ganhar tudo a tudo perder.

Um dia pela manhã cedo, quando todos ainda estavam recolhidos, quando a sua Chloris, segundo o costume, acabava de vir receber á porta o leite para o almoço, e, fechando-a, se dispunha para subir, salta-lhe elle da emboscada, onde passára a noite, e meio supplicante e extremoso, e meio arrebatado e violento, começa um ataque dos mais serios, cujo primeiro resultado foi apanhar com o jarro do leite pelos narizes; o segundo uma bofetada que ainda hoje lhe deve lembrar; o terceiro, e o mais terrivel, a certeza de que a irmã da sr.^a ama era, o que a energia do seu soquear lhe comprovava, tão macha como elle mesmo.

Quando a patrão se levantou, achou de menos em casa a sua canéca e a sua hóspeda que não voltou mais, e que a ama lhe soube persuadir ter achado finalmente uma casa optima para onde lhe fóra indispensavel ir logo logo. O criado, aproveitando-se do descobrimento, que a sua desgraça lhe ministrára, e da posição de absoluta dependencia, em que a ama ficára a seu respeito, tivéra o bom juizo de Jacob; em lugar de Rachel accitou Lia. Ciumes de outra criada descobriram esta segunda intimidade, que o emmagrecer da creança e o engordar de quem a creava, não tardaram em pôr evidente a todos os olhos.

Todos os tres foram no mesmo dia despedidos, ficando a desamparada creaturinha em perigo de vida, de que não é ainda certo se escapará.

ERRATUM PARA SATISFASER ESCRUPULOS DE UM ASSIGNANTE.

A PAG. 365 — col. 2 — lin. 52, onde se lê — do — lêa-se — dos. — Por um s, mais ou menos não fique um homem desconsolado.